

REINTERPRETAÇÃO DO CONTO “OS PSICO-HISTORIADORES”, DE ISAAC ASIMOV, NA REALIDADE DO SÉCULO XXI

REINTERPRETATION OF THE TALE “OS PSICO- HISTORIADORES”, OF ISAAC ASIMOV, IN THE REALITY OF THE 21ST CENTURY

Karen Isabelle Soares¹

Recebimento do texto: 16/04/2021

Data de aceite: 14/05/2021

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o texto “Os psico-historiadores”, conto de abertura do primeiro livro da série Fundação, de Isaac Asimov. A análise é feita a partir de um ângulo sociológico, considerando o estudo da obra enquanto espelho da sociedade, e busca estabelecer novas correlações entre a ficção e o mundo real. Para isso, é traçado um paralelo entre os episódios narrados neste conto de 1951 e uma série de notícias veiculadas em jornais nas primeiras duas décadas do século XXI. Essa recontextualização se mostra possível, revelando que pouco mudou na sociedade contemporânea em relação à perspectiva verossímil retratada setenta anos atrás.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria literária. Análise literária. Ficção científica. Distopia; Isaac Asimov.

ABSTRACT: This work aims to analyze the text The psycho-historians, opening story of the first book in the Foundation series, by Isaac Asimov. An analysis is made from a sociological angle, considering the study of this book as a mirror of society, and seeks to establish new correlations between fiction and the real world. For this purpose, a parallel is drawn between the episodes narrated in this short story from 1951 and a series of news published in newspapers in the first two decades of the 21st century. This recontextualization is possible, revealing that little has changed in contemporary society in relation to the credible perspective portrayed seventy years ago.

KEYWORDS: Literary theory. Literary analysis. Science fiction. Dystopia; Isaac Asimov.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto-sensu em Letras – Escrita Criativa (PPGL - PUCRS), Campus Porto Alegre- RS.. E-mail: karen.soarele@gmail.com.

Introdução

Vencedor do Prêmio Hugo especial como a melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, *Fundação* teve cada um de seus contos originalmente publicados na revista *Astounding Magazine*, de 1942 a 1950, e posteriormente compilados em três volumes que compõem a série, publicados entre 1951 e 1953 (GROSHOLZ, 2018, p. 23). O presente artigo tem como objetivo analisar o primeiro de cinco contos que compõem o livro de abertura, intitulado “Os psico-historiadores”, segundo o contexto histórico da atualidade.

O conto parte da premissa da existência do Império Galático, uma sociedade interplanetária com mais de 12 mil anos de história, que atingiu o ápice de evolução cultural e tecnológica, porém cuja burocracia, rigidez e corrupção pavimentam uma estrada invisível que conduz à destruição total (ASIMOV, 2009). Apesar do aspecto fantasioso, pode-se identificar a aplicação dos conceitos aristotélicos de mimese e verossimilhança, uma vez que a obra fornece “possíveis interpretações do real através de ações, pensamentos e palavras, de experiências existenciais imaginárias” (COSTA, 1992, p. 6). Segundo o próprio Asimov, a série *Fundação* foi inspirada no livro *História do Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon (GROSHOLZ, 2018, p. 23).

Além da analogia entre a queda do Império Romano e a queda do fictício Império Galático, é possível também relacionar a obra do autor à sua vida. A publicação de *Fundação* se deu durante a terceira fase da modernidade e reflete seus conceitos. “A terceira fase se instala sobre os escombros da Guerra. Explodem as vanguardas sedentas de renovação. O discurso se fragmenta. As artes afirmam no seu conjunto a expressão contra a intuição” (SCHÜLLER, 2000, p. 79). Sendo Asimov filho de judeus russos que haviam imigrado para os Estados Unidos na década de 1920 (GROSHOLZ, 2018, p. 23-24), pode-se identificar elementos na composição literária que dialogam com o contexto de sua concepção, como, por exemplo, a denúncia ao “congelamento de castas” como um dos motivos para a decadência (ASIMOV, 2009, p. 39).

Apresentando forte apelo ideológico, os contos de Asimov aproximam-se da definição de Hilário (2013) para o gênero distópico:

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. (HILÁRIO, 2013, p. 204).

Com base em leituras feitas e experiências vividas enquanto o planeta era dizimado pela Segunda Guerra Mundial, o autor exacerba, em seu universo ficcional, certos aspectos da sociedade moderna, como a hipercomunicação, a hiperespecialização e o hipercontrole sobre os indivíduos. A partir disso, retrata as possíveis consequências desastrosas, caso o curso atual da história não seja alterado. “Não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente” (HILÁRIO, 2013, p. 205).

Contudo, passaram-se sete décadas desde a publicação de *Fundação*, e ainda hoje os aspectos negativos denunciados por Asimov se mantêm vigentes na sociedade do mundo real. Se a distopia pode ser compreendida como um alarme de incêndio que tem por objetivo chamar a atenção para o perigo (HILÁRIO, 2013), então o presente artigo parte da hipótese de que o alarme soado por Asimov não foi ouvido, e iremos analisar os indícios.

Apesar de abrir a série, “Os psico-historiadores” foi o último conto de *Fundação* a ser escrito, sua produção datando de 1951 (STEMPER, c2009). Fazemos hoje, no entanto, uma leitura sob a perspectiva do século XXI. “Em cada leitura, os significados convertem-se em significantes, prenhes de novos significados, orientados à imaginação sem limites” (SCHÜLER, 2000, p. 74), ou seja, o processo de significação não se limita ao processo de escrita do autor, mas estende-se ao leitor no momento da apreciação do texto.

Eagleton concorda com a visão de Schüler, e adiciona o conceito de “reescritura”:

O fato de sempre interpretarmos as obras literárias, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses — e o fato de, na verdade, sermos incapazes de, num certo sentido, interpretá-las de outra maneira — poderia ser uma das razões pelas quais certas obras literárias parecem conservar seu valor através

dos séculos. Pode acontecer, é claro, que ainda conservemos muitas das preocupações inerentes à da própria obra, mas pode ocorrer também que não estejamos valorizando exatamente a “mesma” obra, embora assim nos pareça. O “nosso” Homero não é igual ao Homero da Idade Média, nem o “nosso” Shakespeare é igual ao dos contemporâneos desse autor. Diferentes períodos históricos construíram um Homero e um Shakespeare “diferentes”, de acordo com seus interesses e preocupações próprios, encontrando em seus textos elementos a serem valorizados ou desvalorizados, embora não necessariamente os mesmos. Toda as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma “reescritura”. Nenhuma obra, e nenhuma avaliação atual dela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações, talvez quase imperceptíveis (EAGLETON, 2006, p. 18-19).

Asimov publicou *Fundação* no período do pós-guerra, tendo como inspiração a queda do Império Romano e a Segunda Guerra Mundial (GROSHOLZ, 2018, p. 23-24). Porém, se tivesse concebido sua obra nos dias de hoje, quais seriam suas inspirações? Por seu caráter ideológico, *Fundação* nos convida à análise por um ângulo sociológico, considerando o “estudo da obra enquanto espelho da sociedade” (ACÍZELO, 1987, p. 76). Somando a isso o conceito de “reescritura” de Eagleton, o presente artigo se propõe a uma recontextualização e reinterpretção de Asimov, de acordo com uma perspectiva atual. Para isso, traçaremos um paralelo entre “Os psico-historiadores”, obra ficcional de 1951, e as notícias verídicas publicadas em jornais do século XXI.

Desenvolvimento

Em “Os psico-historiadores”, primeiro conto da coletânea *Fundação*, somos apresentados ao Dr. Hari Seldon, criador da psico-história, uma ciência ficcional capaz de prever o futuro da humanidade a partir de cálculos matemáticos desenvolvidos com base em fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. Seldon vive em uma civilização extremamente avançada, que já dominou a tecnologia da viagem interestelar por meio do salto pelo hiperespaço. Para se

ter um parâmetro, a noção de que é impossível viajar pelo espaço comum em velocidade superior à da luz — um dos fundamentos da Teoria da Relatividade — é tão antigo no universo de *Fundação*, a ponto de ser considerado um dos “poucos itens conhecidos desde a aurora esquecida da história humana” (ASIMOV, 2009, p. 13). Uma descoberta tão recente e inovadora em nosso mundo real é considerada primitiva no universo de Asimov e relegada à indiferença, a exemplo da invenção da roda ou do domínio do fogo.

Mais do que uma civilização tecnológica, o Império Galático é uma espécie de aldeia global, na qual os meios de comunicação e de transporte integram até mesmo os recôncavos mais afastados e resultam em interdependência na totalidade da estrutura (MCLUHAN, 1962, p. 37), o que torna Trantor, a capital, dependente dos vinte mundos agrícolas que abastecem seus armazéns (ASIMOV, 2009, p. 19). Uma aldeia global ou, talvez seja mais apropriado dizer, uma aldeia galática, na qual nenhum lugar é isolado da civilização e o ensino é amplamente difundido, possibilitando que até mesmo um personagem considerado “caipira”, como Gaal Dornick, possua doutorado (Idem, p. 13).

Porém, nem toda essa evolução cultural e tecnológica é capaz de impedir a iminente queda do Império Galático. Apesar de avançada, a civilização humana retratada na obra reflete muitas das disfunções observadas por Asimov no Império Romano e na Segunda Guerra Mundial, algumas das quais são expressas por seus personagens por meio da elocução, tais como: “uma burocracia em ascensão, um dinamismo em declínio, um congelamento de castas, um represamento da curiosidade” (ASIMOV, 2009, p. 39) ou “À medida que a sucessão imperial se tornar cada vez mais incerta e as rixas entre as grandes famílias crescerem mais, a responsabilidade social desaparece.” (Idem, p. 27-28). Porém, cabe-nos analisar não apenas as disfunções efetivamente proferidas pelos personagens de Asimov, mas principalmente aquelas não ditas, mas mostradas por meio de situações e comportamentos. Passados setenta anos da publicação de *Fundação*, essas disfunções ainda se multiplicam em nossa sociedade, nas manchetes dos jornais.

Linha de suprimentos como ponto vulnerável

Um dos pontos cruciais apontados para a queda do Império Galático é a vulnerabilidade da cadeia de suprimentos. Com população de mais de quarenta bilhões de habitantes distribuídos em um planeta com apenas 194 milhões de m² de extensão — pouco maior do que Marte, com seus 144 milhões de m² —, a capital Trantor não possui produção agrícola. A mesa de jantar de sua população de burocratas é abastecida diariamente por dezenas de milhares de navés que trazem a produção agrícola de outros vinte planetas. A dependência dos mundos externos, considerada sua “delicada veia jugular”, tornou Trantor especialmente suscetível à conquista por cerco durante as diversas revoltas que marcaram os últimos milênios do Império (ASIMOV, 2009, p. 19).

Cientes da inspiração do autor no declínio do Império Romano, é fácil fazer a relação entre a cadeia de suprimentos de Trantor e o abastecimento de água por meio de sistemas de aqueduto na Roma Antiga, cuja destruição promovida pelos povos bárbaros foi decisiva para a queda da capital do império (CONSTRUINDO, 2005). Porém, um leitor desprovido desta informação — ou um leitor que efetivamente busque uma reinterpretação do conto — poderá estabelecer novas conexões, transportar a narrativa para seu próprio contexto histórico e identificar analogias que não estivessem presentes no momento de concepção da obra. “A organização do imaginário desencadeia um processo de caminhos e metas imprevisíveis até para o autor” (SCHÜLER, 2000, p. 74).

Ao transferir a fábula de Asimov para a atualidade dos anos iniciais do século XXI no Brasil, encontramos exemplo prático em um episódio recente: a greve dos caminhoneiros. Com início no dia 21 de maio de 2018 e término em 1º de junho do mesmo ano, caminhoneiros de 24 estados e do Distrito Federal paralisaram as atividades de transporte de mercadorias e instituíram bloqueios nas principais rodovias do país para impedir a livre circulação de automóveis públicos e privados. Mesmo durando apenas dez dias, a greve levou o país à beira do colapso. A consequência imediata foi o desabastecimento da população. Com a interrupção no fornecimento de alimentos e combustíveis, as prateleiras dos supermercados ficaram vazias e postos de gasolina fecharam as portas. Como consequência, houve redução da frota de ônibus nas cidades, suspensão de aulas

em universidades, interrupção da produção industrial e cancelamento de voos. Também ficou comprometida a oferta de insumos médicos e abastecimento de ambulâncias (GREVE, 2018).

O caso evidenciou um ponto fraco do país, que é a hiperdependência dos centros urbanos em relação às províncias — característica comum a Trantor, à Roma Antiga e ao Brasil. Assim, é possível constatar que, após quase dois mil anos da queda do Império Romano, as linhas de abastecimento continuam sendo a veia jugular das grandes nações, seja na ficção ou no mundo real.

Violação dos direitos fundamentais do cidadão

Em sua análise do gênero romance, Schüler aponta que “Mediante a perspectiva, o narrador escolhe o ângulo de observação, distancia-se e aproxima-se do objeto. Impossível revelou-se a pretensão realista de reproduzir no texto a realidade objetiva, não deformada pela visão” (SCHÜLER, 2000, p. 34). Em “Os psico-historiadores”, observam-se raros trechos em que há a utilização da voz do alto, expressa por um narrador que detém o dom na onisciência (Idem, p. 26-27), como na abertura do conto, quando a narração antecipa o futuro da galáxia: “Havia quase vinte e cinco milhões de planetas habitados na Galáxia então, e nenhum deles deixava de prestar obediência ao Império cujo trono ficava em Trantor. Era o último meio século no qual essa afirmação poderia ser feita” (ASIMOV, 2009, p. 13). O ponto central da história constitui-se na figura de Hari Seldon e em sua ciência da psico-história a ditar os rumos do Império Galático. Apesar disso, salvo exceções de onisciência como a citada acima, o autor opta por narrar a partir da perspectiva de Gaal Dornick, um interiorano recém-chegado que gradualmente passa a compreender as anomalias no funcionamento da capital.

Ao longo de poucos dias, Gaal Dornick enfrenta reconhecimentos, ou seja, a “passagem do não-conhecimento ao conhecimento, situação que ocorre com o fim de revelar uma aliança ou hostilidade entre personagens” e peripécias, quando há “mutação de ações em sentido contrário, mas sempre obedecendo às leis do verossímil e do necessário” (COSTA, 1992, p. 24). Enquanto ainda aprendia a se localizar na capital, ele descobre que está sob investigação, tendo inclusive sido interrogado sem seu conhecimento, por um agente disfarçado. Na

sequência, é desviado de seu pretensão primeiro dia de trabalho, sendo preso e posteriormente julgado.

Durante o processo jurídico, é possível identificar diversas transgressões aos direitos fundamentais de Dornick. Uma delas concerne à forma como ele é detido, sem qualquer justificativa, em um procedimento tirânico, que fere sua privacidade e sua percepção de segurança. Sequer é abordado por um agente da polícia; Dornick simplesmente acorda em seu quarto de hotel e descobre que não pode mais sair. A hospedagem se converte em cárcere.

Gaal não cumpriu sua promessa [de começar a trabalhar no dia seguinte]. Foi despertado na manhã seguinte por uma campainha baixa. Ele a atendeu, e a voz do recepcionista, também tão baixa, educada e depreciativa quanto poderia ser, informou-lhe que estava sob detenção, por ordem da Comissão de Segurança Pública. Gaal correu até a porta, num salto, e descobriu que ela não abria mais. Só pôde se vestir e esperar (ASIMOV, 2009, p. 30).

A conexão imediata que se faz com a realidade brasileira diz respeito à forma como eram realizadas as prisões políticas no período de Ditadura Militar. “Ignorando as leis constitucionais elaboradas pelos próprios militares, as prisões, como já foi dito anteriormente, via de regra, ocorriam sob a forma de sequestro. Sem mandato (sic) judicial, sob um clima de horror que implicava a todos aqueles que possuíssem algum tipo de relação com o detido” (PINHEIRO, 2015, p. 93-94). Porém, apesar das semelhanças com a ficção e da relevância na história brasileira, tendo o regime militar encontrado seu fim há mais de trinta anos, cabe-nos buscar ocorrências mais recentes.

Segundo Hilário, “a distopia, elaborada sobretudo entre as décadas de 30 e 50 do século passado, soa o alarme com relação às mudanças em curso nos anos que se seguiram ao seu surgimento” (HILÁRIO, 2013, p. 202). A maior prova de que o alarme soado por Asimov não foi ouvido reside no fato de que, em 2020, ainda recebemos notícias de prisões realizadas de forma controversa. Exemplo recente é o de Sara Rodrigues, que teve sua casa invadida pela Polícia Militar sem mandato judicial. Uma vez em custódia, teve decretada sua prisão preventiva por tráfico de drogas, apesar de possuir residência fixa e emprego formal, e de ser ré

primária em crime não violento, o que configura pouco risco para a sociedade ou para o processo criminal. A situação se agrava pelo fato de Sara estar grávida e ser mãe de uma criança de cinco anos, sendo que a legislação determina que mulheres em situação como a dela sejam colocadas em prisão domiciliar (VILAR, 2020). Em vez disso, foi encarcerada durante a pandemia do Covid-19 na Colônia Penal Feminina do Recife, onde há pelo menos nove casos da doença confirmados, sendo que Sara, por ser gestante, faz parte do grupo de risco (EBRAHIM, 2020). Mais de 200 coletivos e organizações da sociedade civil assinaram uma carta de abaixo-assinado denunciando a ilegalidade da prisão de Sara e exigindo que ela possa responder em liberdade (UTIDA, 2020).

O que Sara Rodrigues e Gaal Dornick têm em comum? Ambos incomodaram o poder central. Dornick por seu envolvimento com Hari Seldon e a pesquisa da psico-história, que prevê a ruína do governo vigente. Sara devido à militância nos movimentos sociais Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas e Coletivo de Mães Feministas Ranúcia Alves. Jornais alinhados à defesa dos direitos humanos defendem que se trata de prisão política, e que a invasão de sua residência “escancara as violações de direitos por parte da polícia nas periferias” (EBRAHIM, 2020).

Outro direito transgredido tange a publicidade dos atos processuais. De acordo com a Constituição Brasileira:

Todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário serão públicos, e fundamentadas todas as decisões, sob pena de nulidade, podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação; (BRASIL, 2004)

Em “Os psico-historiadores”, não é declarado que lei similar se aplique ao Império Galático, mas o conceito fica subentendido nos apontamentos do narrador: “A audiência era pequena e composta, exclusivamente, por Barões do Império. Imprensa e público foram excluídos e havia dúvidas de que uma quantidade significativa de pessoas de fora até mesmo soubesse que um julgamento de Seldon estava se realizando” (ASIMOV, 2009, p. 34).

Mais uma prática comumente dispensada a ativistas e presos políticos, observamos casos semelhantes em países do mundo real onde as liberdades individuais são limitadas, como na China. Caso famoso é do advogado de direitos humanos Wang Quanzhang, que foi detido sem acusação em 2015, e impedido de ter acesso a advogados ou familiares por mais de três anos. Em 2018, quando finalmente foi a julgamento, a sessão se realizou a portas fechadas. A acusação: “subversão do poder do Estado” (LEIGH, 2018).

Guerra de espionagem

Gaal Dornick segue tendo mais direitos violados no decorrer do conto. Ao receber a visita de Lora Avakin, seu advogado de defesa, este lhe previne a respeito da possível ausência de sigilo na comunicação entre eles: “A Comissão, naturalmente, tem um raio espião escutando nossa conversa. Isso é contra a lei, mas eles usarão assim mesmo” (ASIMOV, 2009). Isso indica que o Império Galático possui uma lei similar à brasileira, que visa defender a inviolabilidade da comunicação entre cliente e advogado (MAGALHÃES, 2018), e que tal lei está sendo desrespeitada pela polícia.

Indica, ademais, outro aspecto da narrativa de Asimov, que diz respeito à batalha da tecnologia da informação. Se de um lado a Comissão se vale de equipamentos tecnológicos para espionar a conversa de Dornick e Avakin, de outro o advogado utiliza seus próprios meios para resguardar a comunicação: “o gravador que coloquei sobre a mesa, que para todos os efeitos é um gravador perfeitamente comum e executa bem suas funções, tem a propriedade adicional de bloquear completamente o raio espião” (ASIMOV, 2009, p. 31).

Seguindo a linha de raciocínio de “reescritura” da obra literária proposta por Schüller (2000), identificamos a correlação da ficção criada por Asimov com o incidente diplomático ocorrido entre Brasil e Estados Unidos em 2015. Na ocasião, foram vazados os nomes de 29 brasileiros cujos telefones haviam sido grampeados pela Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos. A lista incluía membros do alto escalão do governo, incluindo a então presidente Dilma Rousseff. Além da gravidade do ocorrido, interessa-nos apontar o fato de que não apenas ligações telefônicas foram gravadas, mas também se utilizou um programa

de computador chamado *DNI Selectors*, que “captura tudo o que o usuário faz na internet, incluindo o conteúdo de e-mails e sites visitados” (LISTA, 2015).

A exemplo da ficção, no mundo real também há esforço para impedir o acesso a informações sensíveis. No caso do governo brasileiro, isso incluiu ações agressivas, como “o lançamento de um satélite nacional e a instalação de um cabo submarino ligando o Brasil à Europa sem passar pelos EUA” (HERNANDES, 2017). Em menor escala, atualmente as empresas de tecnologia demonstram grande preocupação em desenvolver aplicativos de troca de mensagens com sistema de criptografia ponta a ponta, como é o caso do WhatsApp e do Telegram. Essa tecnologia tem como único objetivo proteger a privacidade dos usuários e impedir que informações sejam interceptadas (COUTINHO, 2019).

De todos os aspectos realistas da obra de Asimov, esse é o que está mais distante de sofrer qualquer mudança, tendo em vista que a informação, de modo geral, é caracterizada por possuir alto valor e utilidade. Aqueles que a detêm tendem a mantê-la em sigilo, enquanto os que não a possuem estão inclinados a colocar a tecnologia de que dispõem a serviço de sua descoberta.

Censura e distorção do pensamento divergente

“Os psico-historiadores” chega ao clímax na cena do julgamento. Apesar de ser um dos réus, Gaal Dornick é mero espectador, colocado ali para que, da perspectiva dele, possamos assistir a Hari Seldon respondendo às acusações. Perante a previsão do cientista de que o Império Galático encontrará a ruína em 300 anos, o Promotor da Comissão questiona: “O senhor não considera sua declaração como sendo desleal?”, ao que Seldon responde: “Não, senhor. A verdade científica está além de lealdade e deslealdade” (ASIMOV, 2009, p. 35). O promotor insiste, misturando verdades com sofismas, a fim de gerar confusão e incriminar Seldon. Diz ele: “Deixe-me sugerir ao senhor que suas previsões de desastre possam ter a intenção de destruir a confiança pública no governo imperial com finalidades pessoais” (Idem, p. 36). O que vemos é o pensamento divergente sendo tratado como crime contra o Estado.

De modo semelhante, os governadores dos estados e a mídia brasileira têm sido alvos de críticas por parte do atual presidente do país, Jair Bolsonaro.

Em face da pandemia de Covid-19, presidente e governadores discordam em relação às medidas a serem adotadas, estando o presidente preocupado com a manutenção da economia, enquanto os governadores priorizam a preservação do sistema de saúde pública. Por sua vez, a mídia se alinha aos governadores no sentido de incentivar a população a aderir às medidas de distanciamento social. Como consequência, é acusada pelo presidente de disseminar a “histeria”. Segundo Bolsonaro, “Grandes partes dos meios de comunicação [...] espalham a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália” (BOLSONARO, 2020).

Outro fato que vale apontar é a distorção de dados científicos. No desenrolar do julgamento em “Os psico-historiadores”, Seldon afirma que apenas seria capaz de explicar as fórmulas da psico-história para outro matemático, ao que o Promotor da Comissão contesta: “A sua afirmação, então, é que sua verdade é de natureza tão esotérica que está além da compreensão de um homem comum. A mim me parece que a verdade deveria ser mais clara que isso, menos misteriosa, mais aberta à mente” (ASIMOV, 2009, p. 35). A ciência é rebaixada ao nível do misticismo ilógico.

Enquanto isso, no mundo real, a Organização Mundial da Saúde divulgou um pequeno estudo científico realizado na China que constatou haver indícios de baixa transmissibilidade de Covid-19 por pacientes assintomáticos. Alertou, no entanto, que os estudos são preliminares, além de que há perigo de transmissão por pessoas pré-sintomáticas. Prontamente, o presidente Jair Bolsonaro adulterou a informação, eliminando os trechos que iam contra seu posicionamento político e exagerando a parte que lhe convinha, e espalhou a falsa informação de que a OMS haveria determinado que “a transmissão de pessoas assintomáticas é praticamente zero”. Usou o discurso para exigir a abertura do comércio nas cidades, medida que vai na contramão do isolamento social, e mais uma vez aproveitou para repreender o pensamento divergente, ao condenar o “pânico pregado por parte da grande mídia” (BOLSONARO, 2020). Ao mesmo tempo, despreza dados concretos, como o já citado número de vítimas na Itália.

Tanto na ficção quanto no mundo real, aqueles que detêm a estabilidade no poder buscam mantê-la. E essa manutenção passa, entre outros aspectos, por reprimir e estigmatizar qualquer pensamento desestabilizador.

Manipulação das massas

Por fim, a Comissão dá o veredicto: Hari Seldon, Gaal Dornick e todos os apoiadores da teoria da psico-história serão exilados em Terminus, um pequeno planeta nos confins da galáxia, onde não atrapalharão a política de Trantor e poderão desenvolver seu trabalho sem por ela serem incomodados. O propósito descrito por Seldon é hercúleo, mas objetivo: consiste em compilar uma enciclopédia contendo todo o conhecimento da humanidade, para possibilitar que o período de barbárie que se seguisse à queda do Império Galático fosse encurtado de 30 mil anos a apenas um único milênio.

Após uma sentença tão dramática, nas últimas páginas o leitor é surpreendido por mais um reconhecimento no sentido aristotélico (COSTA, 1992, p. 24), quando Gaal Dornick passa da ignorância ao conhecimento a respeito do real intento de Hari Seldon no julgamento. Seldon sempre quisera o exílio. “Trabalhando em Terminus, teremos apoio imperial sem jamais despertar o medo de que pudéssemos colocar em perigo a segurança imperial” (ASIMOV, 2009, p. 46). Apesar de ter-lhe sido concedido apenas seis meses para que organizasse a partida de mais de 20 mil famílias — tempo insuficiente —, o doutor já havia começado os preparativos há mais de dois anos.

Sem qualquer ressentimento, Gaal Dornick pergunta a Seldon qual foi o motivo para tamanha manobra política. Seldon havia escandalizado os barões do império com o vazamento de suas teorias cataclísmicas, usara Gaal como isca, induzira a Comissão de Segurança Pública a promover o julgamento, persuadira o Comissário-Chefe quanto à importância do projeto e ainda fingira insatisfação frente ao exílio. Dornick percebe que ele “despertou esse medo apenas para forçar o exílio” (ASIMOV, 2009, p. 46), e quer saber o porquê. Hari Seldon é um personagem inteligente, carismático, visionário. Ao longo dos contos que se seguem, após sua morte, torna-se um símbolo de esperança. Porém, a resposta que dá a Dornick diz muito sobre os aspectos ocultos de sua personalidade, e talvez nos diga algo sobre a visão de mundo de Asimov. Ele responde: “Talvez vinte mil famílias não viajassem para o fim da Galáxia por livre e espontânea vontade” (ASIMOV, 2009, p. 46).

Hari Seldon manipulou a Comissão, manipulou seus próprios seguidores

e manipulou Gaal. Fez isso por meio da disseminação de informações — algumas realistas, outras exageradas. Assim, temos um retrato dos altos líderes: por mais que possuam certas qualidades, isso não lhes isenta dos defeitos. Até mesmo um grande herói pode ser manipulador.

No mundo real, um assunto que tem perturbado a rotina dos cidadãos comuns e tirado o sono dos poderosos gira em torno justamente da disseminação de notícias falsas. Conhecidas como *fake news*, as informações fraudulentas são compartilhadas na Internet como se fossem verdadeiras, com o exato propósito de enganar usuários aos milhões, muitas vezes manipulando as massas contra determinada causa ou personalidade. Seu uso indiscriminado vem, inclusive, se tornando ferramenta de campanha eleitoral, havendo indícios do uso de *fake news* para influenciar o resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, em favor da eleição de Donald Trump (BATISTA, c2020).

No Brasil, a questão é tão importante, que corre no Supremo Tribunal Federal um inquérito para apurar a divulgação de *fake news* contra integrantes da Corte (RICHTER, 2020). Como parte da investigação, estão sendo cumpridos “mandados de busca e apreensão de celulares, computadores e documentos em endereços ligados a deputados da tropa de choque governista e ativistas do bolsonarismo”, sendo que um dos alvos de investigação é Carlos Bolsonaro, filho do Presidente da República. Segundo o ministro Alexandre de Moraes, as provas colhidas apontam para a possível “existência de uma associação criminosa, denominada como ‘Gabinete do Ódio’, dedicada à disseminação de notícias falsas, ataques ofensivos a diversas pessoas, às autoridades e às instituições” (PADUAN e SILVA, 2020).

Assim como Hari Seldon recebe apoio de seus 50 matemáticos a fim de manipular 20 mil famílias que acreditam em sua liderança e desencadear consequências no Império Galático como um todo, aos poucos se descortinam no mundo real operações semelhantes, de grupos capazes de se valer de informações distorcidas para influenciar milhares, ou até milhões de pessoas, em benefício de uma agenda política. Não importa se no Império Romano, nos países da Segunda Guerra Mundial ou no Brasil da atualidade, a metáfora de Asimov continua atual.

Conclusão

Apesar de, ao desenvolver sua obra, Asimov ter se inspirado no livro de Edward Gibbon sobre a queda do Império Romano (GROSHOLZ, 2018, p. 23) e de tê-la estruturado conforme conceitos de mímese e verossimilhança regentes na época da Segunda Guerra Mundial, observamos uma perenidade nos assuntos abordados. Conforme o conceito de “reescritura” proposto por Eagleton (2006, p. 19), é possível ler a obra atribuindo-lhe novos significados. Isso torna possível que, por meio de um paralelo entre a obra, de 1951, e as notícias publicadas em jornais nas primeiras décadas do século XXI, identifiquemos semelhanças do fato com a ficção, mesmo que o autor não tenha vivido para presenciar os referidos fatos.

Se a distopia “busca fazer soar o alarme que consiste em avisar que se as forças opressoras que compõem o presente continuarem vencendo, nosso futuro se direcionará à catástrofe e barbárie” (HILÁRIO, p. 205), então, a leitura atual que se faz da obra é que, passados setenta anos de sua escrita, permanecemos no mesmo curso. Se persistirmos, encontraremos a mesma barbárie na qual imergiu a galáxia de Asimov após a queda do Império Galático.

No entanto, como já foi dito, “Em cada leitura, os significados convertem-se em significantes, prenes de novos significados, orientados à imaginação sem limites” (SCHÜLER, 2000, p. 74). Por isso, é possível que outra leitura, feita a partir de outra perspectiva, obtenha as mais diversas interpretações.

Referências

ASIMOV, Isaac. **Fundação**. 5. reimpr. São Paulo: Aleph, 2009.

BATISTA, Rafael. Fake News. **Mundo educação**, c2020. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional n.º 45, de 30 de dezembro de 2004. Brasília: Casa Civil, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc45.htm#art1>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BOLSONARO fala em “histeria”, repreende governadores e critica imprensa. **Veja**, 24 mar. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-critica-imprensa-fala-em-histeria-e-reprende-governadores/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BOLSONARO tira de contexto dado da OMS sobre assintomáticos e pede abertura. **UOL**, 9 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/09/bolsonaro-distorce-oms-sobre-assintomaticos-e-diz-que-panico-esta-acabando.htm>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

CONSTRUINDO um Império: Roma. Direção: Christopher Cassel. Produção de Kraylevich Productions Inc. Estados Unidos: **History Channel**, 13 set. 2005. 1 DVD (85 min.).

COSTA, Lígia Militz da. **A Poética de Aristóteles: Mímese e verossimilhança**. 1. ed. 2ª Reimpr. São Paulo: Ática, 1992.

COUTINHO, Mariana. O que é criptografia de ponta-a-ponta? Entenda o recurso de privacidade. **TechTudo**, 12 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/06/o-que-e-criptografia-de-ponta-a-ponta-entenda-o-recurso-de-privacidade.ghml>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EBRAHIM, Raíssa. Sem mandado, PM invade casa e prende ativista feminista grávida. **Ponte**, 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://ponte.org/sem-mandado-pm-invade-casa-e-prende-ativista-feminista-gravida/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

LISTA exclusiva mostra telefones de brasileiros espionados pelos EUA. **Globo News**, 4 jul. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/07/lista-exclusiva-mostra-telefones-de-brasileiros-grampeados-pelos-eua.html>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

GREVE dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. **BBC Brasil**, 30 maio 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44302137>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

GROSHOLZ, Emily R. **Great Circles: The Transits of Mathematics and Poetry**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2018.

HERNANDES, Raphael. Brasil ainda está no foco da espionagem dos EUA, diz especialista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 maio 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/05/1880598-neo-brasil-ainda-esta-no-foco-da-espionagem-dos-eua-diz-especialista.shtml>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201-215.

LEIGH, Karen. O Julgamento secreto que evidenciou o sistema judicial sombrio da China. **Exame**, 31 dez. 2018. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/o-julgamento-secreto-que-evidenciou-o-sistema-judicial-sombrio-da-china/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MAGALHÃES, Luiz Felipe Mallmann. Interceptação, fortuita ou não, de conversa de advogado é ilegal. **Consultor jurídico**, 8 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-dez-08/luiz-felipe-interceptacao-fortuita-conversa-advogado-ilegal>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de S. Paulo, 1972.

MINISTÉRIO Público articula atuação para reprimir manipulação de eleitores via redes sociais. **O Fluminense**, 8 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.ofluminense.com.br/cidades/33-rio-de-janeiro/4799-ministerio-publico-articula-atuacao-para-reprimir-manipulacao-de-eleitores-via-redes-sociais>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

PADUAN, Roberta; SILVA, José Benedito da. Investigação sobre fake news reaviva fantasma que assombra Bolsonaro. **Veja**, 29 maio 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/investigacao-sobre-fake-news-reaviva-fantasma-que-assombra-bolsonaro>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

PINHEIRO, Carlos Eduardo. **Memória dos presos políticos no período ditatorial brasileiro**. 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

RICHTER, André. Por 10 votos a 1, STF valida inquérito sobre fake news. **Agência Brasil**, 18 jun. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/>>

noticia/2020-06/por-10-votos-1-stf-valida-inquerito-sobre-fake-news>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SCHÜLLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. São Paulo: Ática, 2000.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Formação da Teoria da Literatura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF, 1987.

STEMPER, Michael F. **The Foundation Trilogy**. University of Wisconsin – Department of Mathematics, c2009. Disponível em: <<https://www.math.wisc.edu/~mstemper2/SpecFic/Asimov/Foundation>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

VILAR, Fillipe. Manifestação no Recife contesta prisão de ativista por suspeita de tráfico de drogas. **Diário de Pernambuco**, 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/06/manifestacao-no-recife-contesta-prisao-de-ativista-por-suspeita-de-tra.html>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

UTIDA, Mauro. Movimentos contestam prisão de Sara Rodrigues, ativista grávida de Pernambuco. **Mídia NINJA**, 24 jun. 2020. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/movimentos-contestam-prisao-de-sara-rodrigues-ativista-gravida-de-pernambuco/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seu autor.